

# CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Propriedade de Sabbas Costa

ANNO II

ASSIGNATURAS:  
Por mez 500  
Pagamento adiantado

Publicação semanal  
STA. CATHARINA--Desterro, 17 de Setembro de 1888

Escriptorio da Redacção,  
á rua do Senado  
N. 17

N. 22

## COLLABORADORES

DD. Delminda Silveira, Revocata  
H. de Mello (Rio Grande), Ibrantina  
de Oliveira, Alice de Alencar (Montevidéo) e Ubaldina A. de Oliveira,  
Silvio Pellico, Bernardino Varella,  
Dr. Mèsseder, Carlos de Faria,  
Pedro Goudel, Timotheo Maia, Ernesto Pires, Brigido Peixoto e Sabbas Costa.

## CREPUSCULO

Desterro, 17 de Setembro

### OLAVO BILAC

Não devemos nunca abandonar o nosso programma: mostrar aos leitores uteis artigos que digam respeito á litteratura universal.

Sempre que lemos artigos bons, quer analysando ou criticando a qualquer escriptor, quer ajuizando d'uma obra poetica ou prosaica, quer convidando o povo á leitura de escriptos que por ventura lhes possam trazer utilidades, quer tratando e chamando da educação intellectual da mocidade, o povo ao estudo, sempre que lemos artigos bons, diziamos, que forneçam vantagens importantissimas á sociedade, não podemos deixar de transpor-los para as columnas do nosso jornal, contribuindo dest'arte para sua divulgação.

Tratamos de Olavo Bilac, um dos poetas completamente geniaes, fecundos e de admiravel originalidade.

Olavo Bilac é brasileiro, e as suas obras primam pela linguagem doce do poeta, pelas phrases arrebatadoras e ardentes que emprega para prender toda attenção do leitor.

A poesia, esta cousa immaculada, que attrahe a qualquer, a poesia que desde o começo dos seculos teve triumphos gloriosos, é um objecto sacrosanto, pelo qual a natureza trabalha para tornal-o ainda mais triumphante.

Leiam com calma, presença de espirito, não se precipitem, sim, leiam at-

tenciosamente a discripção de Olavo Bilac que tão sabiamente apresentamos Alfredo Conrado, um dos escriptores de merito e consideração.

Eis a concepção de Alfredo Conrado:

### Poetas e poesia

#### OLAVO BILAC

O POETA

Em Abril do anno passado, a respeito de umas considerações, que sobre o « parnasianismo », fez Urbano Duarte na « Chronica fluminense » do « Diario Mercantil », — escrevia em uma carta, Olavo Bilac a Alberto de Oliveira, as seguintes linhas:

« No Brazil nunca houve « parnasianismo ». O que ha entre nós actualmente é a febre da Perfeição, a batalha sagrada pela Forma, em serviço da Idéa e da Concepção.

« O « Parnasianismo » — o verdadeiro — o authentic, o de Catulle Mendés e Mallarmé — tem a sua profissão de fé n'estes versos do poeta de « Philomela » citados por Zola nos « Documentos Litterarios »:

La grande muse porte un péplum bien sculpté  
Et la trouble est banni des âmes qu'elle hante.  
Pas de sanglots humains pas les chants des poètes.

« Mas, por Apollo! não é essa a musa que serves, meu Alberto, nem a que servem o Raymundo, o Delfino, o Rodrigo Octavio, o Valentim, o Alberto Silva, o Filinto, o Theophilo e outros.

« Não é diante dessa deusa de bronze, que não quer soluções humanos no canto dos poetas e cuja face immutavel e dura não exprime o odio, não é diante d'essa Grande Impassivel que nos prostramos, nem é entre seus rijos braços de mulher indifferente que vamos procurar a divina delicia dos nossos melhores momentos de amor. Não. A nossa musa é o typo da mais requintada belleza; — uma formosissima mulher de contornos impeccaveis, mais correcta e mais pura que a Minerva de Phidias.

« Não traz o « péplum bien sculpté », nem o diadema de ouro. Vem nua e simples — castissima em sua nudez, deslumbrante em sua simplicidade. Não se lhe poderá notar um defeito, uma linha menos pura, um contorno menos acabado. Mas, como aquelles olhos fuzilam, como pulam aquelles pequenos seios rosados, como aquelles braços apertam, como abraza aquella bôca! Debaixo de sua pelle immaculada e finissima corre um sangue

generoso e ardente. E' a vida suprema encarnada na suprema Belleza, a Idéa melhor traduzida na mais pura forma. »

E assim Olavo se revela e faz n'estas supracitadas linhas a sua profissão de fé como poeta. Cada uma de suas palavras traz o cunho da sinceridade e vibra repleta de ternuras e de amor pelo Ideal contido na mais cuidada investidura.

Olavo não quer que a sua Musa seja uma estatua, immovel e fria no apurado dos seus contornos e no correcto de suas linhas. Não. Porém exige, que ella junto a perfeição das estatuas gregas, a casta simplicidade de Venus de Medicis, á apparente « morbidez » das filhas do Adriatico e á ardente sensualidade das mulheres de Andaluza. Elle quer ver o sangue correr vivo e quente por arterias e veias, nutrindo todos os tecidos e animando o marmore, e quer que a belleza attica tenha um coração, que se mova ao choque de mil sentimentos. N'uns labios deseja surprender um sorriso ou uma promessa, n'uns olhos pretende achar a vida ou a morte. A sua Musa deve rir ou chorar, ser meiga ou vingativa, amante e carinhosa ou altiva e soberana.

Para Olavo, a Poesia é uma cousa sagrada e tão sublime, que os sacerdotes d'essa deusa devem adoral-a com o mais profundo amor e respeitál-a com a mais ardente veneração. Em materia de Arte, é elle um intransigente. Um verso coixo ou mal feito é para o bardo da « Tentação de Xenocrates » um crime dos mais espantosos, um attentado que não merece perdão.

Se Olavo fosse jurado em um tribunal, em que se tivesse de julgar uma causa de lesa-poesia, — o reu estava irremediavelmente perdido, porque o correcto rimador das « Cartas dolympo » quebraria lanças para condemnal-o. E o accusado necessariamente teria de carpir para sempre, o seu exilio do Parnaso.

Como o poeta das *Meridionaes*, Olavo Bilac ama a antiguidade grega e romana e se compraz em fazel-as reviver em bem trabalhados e coloridos versos. Assim, a ultima guerra punica é descripta por elle com tanta vivacidade de tons e com tanta fidelidade e belleza de narração como foi a segunda por Flaubert, quando nos conta as façanhas de Mathos e os tragicos amores do Salambô, a sensual sacerdotisa do Tait. Na « Delenda Carthago », o inspirado bardo brasileiro nos emociona sensivelmente. Os seus versos fuzilam como as armas do exercito do general romano no campo de Nopheris; as suas rimas chocam-se e estrondeiam como outr'ora os



arietes, diante das portas da cidadella de Byrsa; e as suas estrophes nos dizem voltas em uma esplendida nuvem de Poesia, o furor dos soldados de Scipião, o heroismo das mulheres cartaginêzas e as agonias de Asdrubal.

Na «Tentação de Xenocrates», na «Sêta de Néro» e no «Sonho de Marco Antonio», Olavo nos mostra sempre a mesma belleza na descripção, o mesmo colorido no verso, o mesmo vigor e novidade na rima.

Mas, unicamente as hetairas de Athenas, os soldados de Scipião Emiliano, os louros consules de Rosa e as voluptuosas escravas do filho de Agrippina interessam o nosso poeta? Não. A America com suas impetráveis florestas e sua magia selvagem, — e da America, o Brazil com o rumor de suas pomposas cachoeiras, o irriante matizado de suas flôres e de seus passaros, a luxuria e o esplendor de suas arvores, a delicadeza e a graça de suas lendas e de suas crenças primitivas deviam forçosamente fazer tanger as rijas e douradas cordas da lyra, que com tanta nobreza e divina galhardia empunha Olavo Bilac. E foi n'esses momentos de dulcissima emoção, que elle compôz os seus magnificos e inspirados poemetos — a «Primeira Missa no Brazil» e «A filha do Tapyr». Sentimos profundamente não possuirmos uma copia d'esses divinos versos para transcrevermos algumas estrophes e assim prestarmos uma devida homenagem á tão talentoso poeta.

Nos intervallos de repouso, que lhe deixam as composições de largo folego, Olavo Bilac por indole e por habito de todos os intantes se dedica á «Grande Deusa», escreve sonetos. Essa fórmula de poesia ultimamente revivida e cuidada com febre e delirio pelos modernos poetas francezes, esses quatorze versos, que segundo Boileau devem ter toda a belleza e todo o sentido de um poema, forçosamente tentariam o espirito artistico e poetico do bardo da «Delenda Carthago». E com effeito, ninguem melhor do que elle sabe metter uma idéa no circulo apertado de um soneto e vestil-a, com apparatusas e melodiosas rimas. Ninguem sabe dar mais emoção e mais delicadeza em tão poucas estrophes, do que Olavo. Senão, ouçamol-o:

Talvez por ser cruel, eu muito embora  
Arda em ancias de vêr-te, á combinada  
Entrevista não corro: amo a demora,  
Gosto de retardar minha chegada.

Vais á janella, olhando para fóra,  
Voltas, contemplas o relógio, á escada  
Chegas, escutas, balucias: Ora!  
Hoje não vem! — e sentas-te zangada.

Choras e feres, maldizendo a espera,  
As mãos, n'ellas cravando as unhas finas  
— Garras formosas de uma linda fera.

Chego e mordes os labios de despeito;  
Sorrir não queres, mas orrindo inclinas,  
Mau grado teu, a fronte no meu peito.

(Continúa)

## Um acaso

(L. DE C.)

Tita: — ha não muito tempo que eu vim a saber que a menina do meu ideal era assim denominada em casa.

E essa descoberta devo eu a uma lindissima rosa.

Quando esse facto se deu, achava-me então em um jardim elegante que regorgitava de flôres, tendo a meu lado o Chiquinho, — um menino muito interessante, bomzinho e bastante palrador...

O sol, já prestes a esconder-se, estava de um vivo encarnado: dir-se-hia uma immensa bóla de ouro a fluctuar no azul..

A briza doudejava contente e serenamente, impregnada das doces e perfumosas exalações dos brancos jasmims...

Esta hora emfim, era um como desses momentos de amor, em que a nossa alma se inflôra em extases ideaes!

E eu, comquanto um pouco taciturno e triste, todavia julgava vêr, atravez das orlas do Porvir, uma vida de sonhos e de amores! E' que ainda me anima a boa esperança!...

O Chiquinho, em saltos infantis, alcança uma roseira.

para que não se perceba claramente o sangue que vai ser derramado alli.

De repente soam dezenas de instrumentos musicos: é o imperador que chega. Occupa o «suggesto», seu lugar de honra no «pódio», sob um docel de finissima seda bordada a ouro. Não nos importe o nome do monstro: Tiberio ou Caligula, Claudio ou Nero, Galba ou Vitellio, Commodo ou Heliogabalo, envilece-o affrontosa baixeza moral, degrada-o a ferocidade do instincto. Chefe d'aquella nação corrupta, o cesar é um digno representante d'ella: sabe lisongear-a dando-lhe «pão» e «circo», alimento e espectaculos brutaes, em que os homens são obrigados a exceder em crueldade as proprias feras.

A um signal do imperador, adianta-se um velho sacerdote pagão, acompanhado de uma victima (escravo, prisioneiro ou criminoso) que antes da festa deve ser immolada diante do altar de Jupiter. Assim é preciso, para que os deuses que em boa hora fundaram Roma, se mostrem benignos e encham de maiores beneficios a grande e famosa capital.

Debalde a victima ajoelha-se, implorando com

— Que rosa bonita!! — exclama admirado, estreitando levemente a mão entre as mãos das de rubi, — que bonita rosa!! A Tita gostava tanto de rosas!

Ah! si ella estivesse aqui...

— A Tita?! Quem é a Tita? pergunta eu acariciando-lhe a loira cabecinha.

Elle olhou-me de revez, como desconfiado, e soltou uma gargalhada jovial. Depois murmurou:

— Agora?! Pensa que sou bôbo?

— Não és bôbo, não, Chiquinho... não, eu estou te enganando!... Quero seriamente que me digas quem é a Tita... por que não a conheço.

— Oh! — tornou elle graciosamente — pois será possível que não conheça a Tita, aquella gentil creaturinha que você gostou e gosta ainda tanto d'ella?!

Eis, por um acaso, como eu vim a saber que a minha amada se denominava

— Tita!

Foi um acaso!...

PEDRO GONDEL

## A morte e a vida

No limite onde começa o sentimento inicia-se a dôr, que é companheira externa da Vida, nos avisa de nossas faltas e nos auxilia em nossos grandes trabalhos, porque não podemos alcançar a verdade sem esforço, nem chegar ao bem sem combate nem desejar a perfeição sem essa sede insaciavel signal da origem celeste e infinita da sua alma.

Tristes de nós no dia em que se acabasse o desassocego de nosso ser com ser isto se acabaria tambem mais sublime da vida.

E o que digo da dôr, digo da morte.

O homem seria um eterno bobo, se não soubesse que ao menos ha de haver um acto solemne, tragico, sublime em sua existencia: a morte.

olhar a misericordia imperial; ninguem pensa em interceder por ella; a desgraçada cabeça tomba sob a cortante espada; os membros ainda pelpitantes são collocados na pyra sagrada depressa consumidos pelo fogo.

Finda a cerimonia, enche-se a arena de gladiadores, que a percorrem em procissão e dirigem ao imperador as palavras: SALVE, CESAR! MORTOS TE SAUDAM!

O spectaculo vai começar.

Só ficam na arena os «combatentes sem remissão». Prisioneiros de guerra, criminosos e escravos rebeldes devem degladiar-se até morrer. E' pena imposta a todos esses desgraçados — luctar pela vida até exhalarem alli o ultimo alento. Todos nós, armados de espadas, lanças, gladios e tridentes, arremettem-se ferozes uns contra outros como animaes selvagens. Gritos de furores mesclados de gemidos confundem-se com o forte tilintar dos ferros. Uns são levantados ao ar por braços musculosos; outros arrastados pelo pó vermelho da arena e todos suarentos, febris, loucos de desespero e de dôr, a escorrer sangue trucidam-se da maneira a mais atroz.

## 7 ROMANCE DO "CREPUSCULO" AS NOITES DE VERÃO POR DAMASCENO VIEIRA

### As martyres

#### II

Milhares de mantos de seda, de côres variadissimas, scintillava no «pódio» e nas galerias como se fossem tecidos de ouro e prata e recamados de pedras preciosas.

Os diamantes e as perolas raras, tudo quanto a phantasia n'aquelle tempo podia sonhar de luxuoso e de magnifico, figurava alli com o mais cerimonioso apparato.

Roma, soberana do mundo pela força das armas, queria sel-o igualmente pela extraordinaria pompa e magnificencia de suas festas publicas.

A arena já se acha preparada para o divertimento: póz vermelhos são misturados á areia



A morte, porém, não mata; a morte aniquila: é um renascimento a outra vida, parece uma decomposição, porque nunca proba a haste sem se decompor a semente, nem o fructo sem seccar a flôr, nem uma nova forma sem se apagarem as formas antigas, no crescimento e progresso de todos os seres.

Se não houvesse a morte, não haveria renovação; a natureza seria um lago immovel e miasmatico: a humanidade, uma velha importante e preocupada.

O sepulchro é um berço.

Choramos, no entretanto, um morto: como a personalidade tão trabalhosa e conquistada não pode perder-se, n'esse morto vertem outros seres, um recém-nascido, porque a vida é infinita.

E enquanto houver dôr e morte haverá religião: o raciocínio ficará immovel ás portas do sepulchro, e ahí abrirá suas azas luminosas á fé.

Si tirássemos a morte, talvez podessemos supprimir a fé. Ao tirar a dôr, ao tirar a morte, porém, converteríamos o mundo em vicioso harem, o homem em eterno sultão, reduzido pelo odio do prazer a um eterno imbecil.

Uma vida em que não cahe uma lagryma, é como um d'estes desertos em que não cahe uma gotta d'agua: só engendra serpentes.

Si tirarmos do rosto do obreiro o suor, das grandes causas o martyrio, da obra do artista a penna, do amor a tristeza, da vida essa corôa de cyprestes que se chama morte, não haverá fé e muito menos virtude, esperança, poesia, belleza moral no mundo: porque tudo que é grande nasce da dôr e cresce ao rego das lagrymas.

EMILIO CASTELLAR

Nupcia

A JACINTHO NUNES

Anoitecia. O céo era um poema de amor.

Erguia-se da alcova alvissima do nascente a lua merencorea.

Parecia um paraíso essa noite maravilhosa!

As cheirosas trepadeiras desabrochavam e a relva, a verdejante relva, esta então recebia o frio orvalho que a medo a natureza lhe presenteava.

A briza languida, a briza silenciosa e dormente não murmurava ao menos uma nota de poesia, um som de cantilena.

A Via-Lactea estendia-se nervosa, torcendo-se e retorcendo-se pela esteira rendilhada de estrellas...

Um silencio confortador, um silencio de tumulo reinava durante a noite.

Vi Paulo.

O Paulo eu conhecia-o bem, era um rapaz pretencioso, risonho e prazenteiro, um destes rapazes amaveis e distinctos.

Porém tinha um unico defeito, um defeito triste e desprezível: não sabia escrever ainda...

Elle, o «dandy» prazenteiro o «jeune homme» amável, de ha muito possuia dentro do coração, que era um cofre intimo onde guardava segredos, onde guardava caricias, o amor intenso de Julia...

Julia não era feia, ao contrario, o contorno perfeito de seu corpo prendia o olhar de qualquer, seus olhos rutilavam como estrellas e sua face tinha tanto primor como a petala succolenta da magnolia, era finalmente uma belleza correcta, a Julia...

Paulo foi pedil-a... n'uma tarde linda da primavera...

N'essa noite a nupcia effectuava-se com pompa.

A Julia, a graciosa morena de olhar fascinante e attrahente, trazia um vestido côr de creme. Umás fimbrias alvissimas ornavam-n'ô e umas rôsas guarneçiam-n'ô com esplendor.

Uma corôa, a effigie gentil da virgindade, de flôres de laranja, enflorava a fronte candida da bella Julia.

Guardavam os pés uns sapatinhos bem contornados...

A moça ia sorrindo como um passaro que folga á luz da madrugada.

E o Paulo... oh! o Paulo, agora me recordo, parecia um visconde em gala.

No entanto o pobre do rapaz não era rico...

Casaram-se os jovens: ROMEU e JULIETA!

A noiva sorridente, a olorosa açucena, julgava que seria muito feliz...

Mas, Paulo possuia acaso alguma fortuna ou meios para tornal-a tal qual lhe ditava a consciencia?

Pobre Julia, no dia seguinte chorava de arrependimento e o Paulo apenas disse:—emfim...

SABBAS COSTA

Desterro—Setembro—12—88.

PEROLAS DE OPHIR

Recordação

Oh! souvenirs! printemps! aurores!

V. Hugo.

Primavera da vida venturosa,  
—Quinze annos! meu sonho de criança!  
Mimoso sonho de fugace esp'rança,  
Botão singelo de virginea rosa!

Inda vejo-te a imagem vaporosa;  
Ainda te conservo ná lembrança!  
Eras a meiga pomba da bonança,  
Eras a aurora de manhã formosa!

Mas a flôr dura um dia; o sol desmaia,  
Geme a rola, suspira a brisa pura,  
E morre a onda quando chega á praia:

—Assim passa-se a quadra da ventura!  
E d'avesinha que o vdar ensaia  
Rasga-se o peito contra a rocha dura!...

DELMINDA SILVEIRA

Desterro.

Lamentos

Oh! Deus, que immensa tristeza  
Sinto em meu peito gemer,  
Tenho n'alma mil tormentos  
Que me arrastam ao descer.

Quanta dôr meu peito soffre,  
Quanta atroz melancolia,  
Quanta saudade pungente  
Augmenta de dia a dia.

Na solidão em que vivo  
Tudo me infunde pezar,  
A flôr, o gemer dos ventos,  
O rugir do vasto mar;

Tudo para mim é triste,  
Sinto deslisar meu pranto  
Na hora do sol no occaso,  
D'ave ao merencorio canto.

Tudo m'infunde tristeza,  
E tenho tanta amargura,  
Que fim terão minhas dôres  
Somente na sepultura.

UBALDINA A. DE OLIVEIRA

Desterro, 13—9—88.

Soneto

AO AMIGO WENCESLAU BUENO

Já houvera com fervor illuminado  
Do Senhor Bom Jesus a Imagem Santa, (1)  
Quando penoso mal, que me aquebranta,  
No leito me arrojou, de dôr prostrado.

Ahi, afflicto, oppresso, incommodado,  
Sujeito ao mal atroz, que se alevanta  
E affecta o ventre, estomago e garganta,  
Eu lamentava já meu triste fado.

Eis, me vem procurar bondoso Anjo,  
Joven Bardo, que eu vi inda menino,  
E então valor e animo consigo.

Nos olhos, bocca e mãos, com geito e tino,  
Mostra pesar, offerece-se, que digo?  
Foi Anjo animador o bom Paulino! (2)

B. VARELLA

Desterro—Setembro de 1880.

(1) Devoção particular, exercida annualmente, sendo-o agora pela 22ª vez e havendo-se realisado nas quatro noites anteriores.

(2) O meu distincto e sempre lembrado amigo Francisco Paulino da Costa Albuquerque.

(N. do A.)



## Balladas

Não choro o tempo  
que perdi contigo,  
fingido amigo  
de fingido amor,  
Nem os instantes que seguí teus passos  
nas noites claras de luar em flôr.

Não me arrependo  
d'amizade tanta  
pura e tão santa  
que usei te dar,  
Nem dos momentos de loucura e febre  
que se passaram no meu humilde lar.

Não te crimino  
nem te peço a morte,  
foi minha sorte  
conhecer-te agora.  
Só devo humilde desviar meus passos  
do ramo incerto que tomei outr'ora.

És moço, és rico,  
tens poder, és nobre,  
eu sou um pobre,  
morrerei sem dó,  
por isso podes inventar calumnias  
para arrojares meu o nome ao pó.

Vamos, inventa,  
que importa! o pejo  
mata o desejo  
que te ferve n'alma;  
fôrma calumnias, que te custa isto?  
que tentas rindo me roubar a calma?

Diz o que sentes,  
que te importa a lei?  
tens eu o sei  
p'ra gastar com ella;  
fôrma a infamia, realisa o plano  
que o tempo é bom para quem tem tutela.

Vamos, avante!  
abre o labio impuro,  
deixa o futuro  
se o presente é teu,  
mancha a ventura de um viver tranquillo,  
como romano ou como velho atheu.

Fêre-me a honra,  
faz curvar-me a frente;  
tolda o horisonte  
dos amores meus,  
que a populaça ha de seguir-te um dia  
pedindo conta d'estes crimes teus!

TIMOTHEO MAIA

## Culto

Que encanto eu sinto quando a vejo, calma,  
Dobando o linho com as companheiras!  
Parece que elle occulta dentro d'alma,  
Como as loiras e castas sementeiras,

A luz com que redoira num custoso  
E fino laço os seus cabellos pretos.  
Beijo-lhe o colo—um vaso perfumoso,  
Beijo-lhe as mãos—dous castos amuletos.

E sigo a sua voz como á corrente  
O nenuphar que vem boiando á tóa,  
Ou como segue a onda serenamente  
Uma canôa após outra canôa...

Si um riso a sua pequenina bocca  
Descerra, como um lyrio pequenino  
A azulada corolla, quando a toca  
Ao romper d'alva o orvalho crystalino,

Vejo o esplendor irial da luz que augmenta  
Em cada bosque, em cada penedia  
Da sua bocca em cactus arrebenta  
O mez de Maio quando irrompe o dia.

Sublime religião aqui exagera  
E ordena o culto da mulher formosa;  
Que lhe dá vida, como a primavera,  
O olor que chakra e rula em cada rosa.

O amor que as almas prende e o azul franqueia,  
Que põe o lobo ao lado de uma ovelha,  
Nós provamol-o com o da colmeia  
O doce favo que prepara a abelha.

Por isso é que eu, oh creaturas bellas,  
Tenho por vós o affecto mais profundo,  
Sois como as flôres e como as estrellas,  
Proprias para viver num outro mundo.

LUIZ MURAT.

## Ultimos paroxismos

Á BORGES DA COSTA

Divagava meu espirito, no lyrisimo infatuado,  
Quando por ti despertado, exultou de enthusiasmo!  
E voltando ao lar paterno, onde deixou os alforges  
Te saudou, amigo Borges, com um sorriso de pasmo!...

Como sabes, esta vida é um sentir de tormentos,  
De suspiros e lamentos, de saudades e canções!  
Não maldigo a minha sorte! sigo avante, satisfeito!  
Porque aguardo no meu peito de teu estro as vibrações!

Eu não posso, cáro amigo, responder ao teu desejo;  
Sou pauperrimo! e só vejo com a luz da tua idéa  
Minha lyra está quebrada... só lhe resta uma corda  
Onde saudosa recorda da infancia... uma epópéa.

Já não tenho mais amores! nem Appollo me sorri,  
Já de tudo me esqueci, da passada mocidade!  
Já não tenho como outr'ora, esperança no porvir;  
Eu só vivo no sentir, esperando a eternidade!...

Goza pois, caro amigo, as delicias desta vida,  
N'essa quadra florida, de sorrisos e poesia  
O futuro te sorri, opalino e com primores!...  
Tens a lyra dos amôres, repleta de harmonia!

Mas além,  
Não posso ir!  
São duas horas,  
Você já dormir!

Lembranças de todos,  
Aceita (querendo),  
Emquanto de mim...  
Ah! sim! vou vivendo!

Aqui te remetto  
Um pobre retrato;  
E' teu conhecido,  
No modo e trato.

JOÃO DA COSTA

## NOTICIARIO

A bem da commodidade de nossos assignantes e a bem da prosperidade de nossa folha, resolvemos cobrar-lhes dois mezes adiantados.

Certos de que os srs. assignantes não hesitarão em proporcionar-nos meios poderosos afim de que, como até aqui, sigamos desassombradamente, desde já lhes confessamos-nos gratos.

Consta-nos que no dia 19 do corrente deve vir da Laguna, o nosso distincto e illustrado correspondente e poeta Carlos de Faria.

Esperemol-o—para abraçal-o.

## ALBUM DE PARABENS

Completo 24 annos, no dia 13 do corrente, o Sr. José da Silva Vasconcellos, excellent e digno cidadão.  
Saudamol-o por tão justo motivo.

## NECROLOGIA

Falleceu em S. Miguel, no dia 9 do corrente, a Sra D. Tiberia Xavier de Souza, mãe da exma. esposa do con-ceituado negociante Dionizio Laundes. Pezames.

A briosa S. D. P. 13 de Maio deu ante-hontem uma rëcita em beneficio, sendo agradavelmente bem desempenhada.

A mesma sociedade prepara para o proximo mez uma rëcita em beneficio do Lyceu de Artes e Officios.

Alegres felicitamos aos distinctos jovens pela elevada idéa.